

## Introdução

Temos o prazer de disponibilizar aos leitores mais um tomo português da revista *Studia Romanica Posnaniensia*. Este volume apresenta um panorama dos temas e campos de investigação abrangidos nos seus estudos pelos lusitanistas polacos. A maioria destes centra-se no campo dos Estudos Literários. No entanto, apresentamos também neste número um estudo no campo da Linguística e outro na área da Sociologia.

O presente número da revista é aberto pelo texto de Ewa Łukaszuk, intitulado “Amargos mistidas. O desalento africano em Desesperança no chão de medo e dor de Tony Tcheka”. O ensaio concentra-se em poemas seletos do volume *Desesperança no chão de medo e dor* publicado em 2015. Nesta obra poética, Tony Tcheka oferece um comentário amargo sobre a realidade da sua Guiné Bissau nativa, o qual, por razões analíticas, está confrontado com outras vozes do país. De entre os tópicos aqui discutidos está a crise da identidade coletiva; valores basilares tais como liberdade e solidariedade; o *status* deficitário do Kriol como a língua supostamente “nacional”; questões de sexualidade e de género, como a promiscuidade e a insuficiência dos modelos do papel do homem (macho); o *status* de crenças tradicionais e a identificação tribal.

A seguir Gabriel Borowski propõe “Topografias afetivas na ficção de Chico Buarque”. Este texto visa discutir a dimensão afetiva da experiência da cidade em três romances escritos pelo escritor e compositor brasileiro Chico Buarque. Em *Estorvo* (1991) o protagonista não é capaz de criar ligações com o espaço urbano e a sua percepção da cidade ‘é uma mistura da observação real e do delírio da subjetividade’. Em *Budapeste* (2004), o protagonista tem a experiência da capital Húngara como uma representação afetiva do sítio real. No *Leite derramado* (2009), o narrador organiza a sua história através das memórias afetivas dos lugares significantes.

No texto seguinte Magdalena Walczuk espraia-se sobre a literatura afro-brasileira no artigo “Literatura negra e/ou afro-brasileira: uma tentativa de conceituação”. O propósito do artigo é a discussão do conceito do negro e/ou da literatura afro-brasileira. Este estudo analisa as diferentes posturas face à definição de literatura afro-brasileira elaboradas por vários críticos e autores, tendo em conta ideias tais como autoridade, ponto de vista, conteúdo temático, língua/estética ou leitor

implícito. Apresentando brevemente a presença (como objeto e sujeito), assim como a imagem da população negra no cânone literário brasileiro, o artigo discute a forma como ele foi desconstruído e transgredido pelos autores afro-brasileiros.

Depois, Wojciech Sawala brinda-nos com “A criptoteologia messiânica de Clarice Lispector frente à crise do século XXI”. Esta análise da crônica “Mineirinho” (1962) tem como propósito indicar a dimensão messiânica da escrita de Clarice Lispector. O autor propõe a descrição da visão *post*-secular da redenção coletiva embutida no seu trabalho como essencialmente oposta à noção vulgarizada do messianismo político. O seu elemento básico é o estabelecimento de um novo tipo da justiça, capaz de ultrapassar a hipocrisia essencial, a qual está profundamente enraizada no sistema ontológico baseado nas identidades individuais. As ideias de Giorgio Agamben e da Agata Bielik-Robson são evocadas para analisar o significado da crônica “Mineirinho” e as suas relações com outros textos canônicos escritos pela autora brasileira.

Jakub Jankowski e Piotr Stańczyk no texto «‘Visualidade’ educacional na Guiné-Bissau à luz da teoria de banda desenhada, ou seja, uma revisão trans/pós-colonial das ideias didáticas/pedagógicas no âmbito da lusofonia», estabelecem a sua entrada no campo da lusofonia. O principal objetivo do artigo é apresentar uma análise da banda desenhada *Nô Pintcha* que, como afirmamos, é um exemplo excepcional de representação visual da teoria da educação a partir do período de independência inicial das antigas colônias portuguesas em África. *Nô Pintcha* foi publicado em 1978, durante a cimeira de ministros da educação e educadores de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé. Os autores de *Nô Pintcha* consideraram a banda desenhada um anexo à campanha básica de alfabetização na Guiné-Bissau. A teoria da educação utilizada durante a campanha de alfabetização teve origem na educação popular emancipatória de Paulo Freire. Assim, o estudo apresentado neste artigo centra-se paralelamente na análise de *Nô Pintcha* na perspectiva da teoria de banda desenhada, bem como na busca de traços da teoria de Freire.

Em seguida, o tema da lusofonia encontra continuação no artigo de Wojciech Charchalis, “Lusofonia – entre mito, história e futuro”. O artigo discute o problema da lusofonia enquanto ideologia portuguesa neoimperialista. O autor defende que a mitologia lusófona, a qual se encontra presentemente sob construção, está enraizada na tradição da propaganda salazarista. Neste estudo encontra-se referências frequentes ao lusotropicalismo no contexto da moderna lusofonia, especialmente no caso de enunciações dos dignitários portugueses, dos quais Mário Soares é o mais eminente. A conclusão é que a ideia de lusofonia, em muitos aspetos, pode assemelhar-se ao conceito de lusotropicalismo, especialmente se tomarmos em consideração o ponto de vista português. Também se apresenta em síntese a atitude dos PALOP e do Brasil face à lusofonia.

No campo de sociologia, Dominika Gawenda apresenta o seu estudo “Ser brasileiro na Polónia. Integração e identidade durante migração”. O artigo propõe um

olhar sobre a migração a partir de uma perspectiva antropológica, especialmente quanto às questões da integração e das mudanças observadas na identidade dos migrantes. A motivação e prontidão para mudanças, em conjunto com os estereótipos existentes e as experiências pessoais dos imigrantes, constituem uma adaptação bem sucedida no novo lugar de residência. Um dos elementos facilitadores da integração numa nova sociedade é o conhecimento da língua do grupo, porquanto auxilia a entrada na comunidade e é bastante importante em termos da reprodução da identidade no novo lugar de residência. A recreação da identidade é necessária porque o migrante está colocado numa realidade completamente nova, na qual o seu papel e estatuto sociais são diferentes. A criação da identidade acontece entre dois conceitos: a familiaridade e o estrangeiro. A descrição dos tópicos acima mencionados é baseada em entrevistas parcialmente estruturadas feitas a brasileiros que moram em Poznań há pelo menos dois anos. As bibliografias incluídas formam a base da análise antropológica da migração.

No âmbito da linguística, Sylwia Mikołajczak apresenta-nos as “Características da variante moçambicana da língua portuguesa com base na análise morfossintática dos diálogos presentes nos romances e contos de Mia Couto”. Este estudo mostra-nos que, embora o Português seja língua nativa unicamente para um punhado de pessoas em Moçambique, ele consegue ser a língua comum de comunicação no campo da política e da economia. Ao mesmo tempo que se estabelece como determinante do estatuto social, o Português, no campo literário, permite um mais vasto horizonte de oportunidades aos autores, alcançando um maior número de leitores em todo o mundo. A língua portuguesa em Moçambique apresenta muitas diferenças em comparação à versão *standard* europeia e as características desta variante podem ser encontradas nos textos de Mia Couto. O propósito do artigo é apresentar as diferenças entre a variante moçambicana e o modelo europeu da língua portuguesa, especialmente no campo da morfossintaxe, observados nos textos de Mia Couto. As diferenças marcantes podem ser observadas no uso das preposições, nos elementos de ordem pronominal, na estrutura perifrástica, nas construções passivas, na seleção de argumentos verbais, entre outros. Estas características são altamente repetitivas mas, simultaneamente, surgem com uma certa irregularidade, em conjunto com as estruturas aceites como *standard*. Desta forma, é difícil falar já duma variante sistemática da língua, mas seguramente ela estará em vias de se estabelecer como tal.

Wojciech Charchalis  
Sylwia Mikołajczak